

A INFLUÊNCIA DA MÚSICA AMBIENTE NA ROTINA DIÁRIA DOS USUÁRIOS DE TRANSPORTE COLETIVO DA CIDADE DE CURITIBA

Frederico Gonçalves Pedrosa¹

RESUMO: Esta pesquisa apresenta reflexões teóricas a respeito dos efeitos da música ambiente sobre as pessoas. O estudo, desenvolvido no Programa de Iniciação Científica da Faculdade de Artes do Paraná, entre 2009 e 2010, com o apoio da Fundação Araucária, teve por objetivo investigar a influência da música que era veiculada nos ônibus sobre a vida diária dos usuários de transporte coletivo, na cidade de Curitiba. A revisão de literatura mostrou que esse assunto, no contexto musicoterapêutico, é ainda pouco explorado. No entanto, percebeu-se que no âmbito da enfermagem, há pesquisas já concluídas sobre o tema. De caráter qualitativo, esse estudo teve como instrumento para a construção dos dados um questionário que foi dirigido à pessoas na faixa etária entre 18 e 40 e que haviam permanecido pelo menos 20 minutos no interior dos veículos. A investigação mostrou que a ambientação sonora colabora com o bem-estar e favorece positivamente a rotina diária dos usuários do transporte coletivo da cidade de Curitiba. Mostrou também a necessidade de novos estudos sobre esse tema para o aprofundamento das questões voltadas para o uso da música ambiente como prática de saúde.

Palavras-chaves: música ambiente; musicoterapia; Influência da música nos usuários de transporte público.

125

¹ Professor do Curso de Bacharelado Musicoterapia da Universidade Estadual do Paraná – *campus* II (Faculdade de Artes do Paraná) e mestrando em Música pela Universidade Federal do Paraná.

THE INFLUENCE OF THE ENVIRONMENTAL MUSIC IN THE DAILY ROUTINE OF THE USERS OF COLLECTIVE TRANSPORTATION OF THE CITY OF CURITIBA

Frederico Gonçalves Pedrosa

ABSTRACT: This qualitative research presents theoretical reflections about the effects of music on people. The study was developed at the Programa de Iniciação Científica at the Faculdade de Artes do Paraná between 2009 and 2010. The goal of this research was to investigate the influence of music conveyed on buses on the daily routine of users of public transportation in Curitiba. The literature review showed that this subject is still unexplored in the Music Therapy context. However, it was noticed that in the Nursing context there is already completed researches about the subject. A questionnaire was asked for people aged between 18 and 40 who travel at least 20 minutes on buses. The investigation has showed that background sound can collaborate to the health and the daily routine of the users of public transport in Curitiba. It also showed that there is a field for further researches on the subject of music as a health practice

Keywords: Ambient Music; Music Therapy; Influence of ambient music on users of public transport.

O transporte coletivo de Curitiba possuía, em algumas de suas linhas, um sistema de áudio que difundia no interior dos ônibus uma voz feminina mencionando o nome da estação de parada e as portas que iriam se abrir para as entradas e saídas das pessoas. Entre uma parada e outra a voz era substituída pelo som de peças musicais pré-selecionadas e programadas para serem veiculadas dentro dos ônibus.

O projeto para equipar os ônibus da cidade de Curitiba com música ambiente começou em setembro de 2006 e atingiu uma parte pequena da frota – os coletivos chamados ligeirinhos. No ano de 2007, 195 ônibus contavam com esse dispositivo e já não eram apenas ligeirinhos como também os ônibus chamados biarticulados (GALINDO, 2007; CUNHA, 2006).

As músicas veiculadas nos coletivos pareciam exercer um efeito positivo sobre a população de usuários do transporte, como artigos e matérias de jornais da época relataram. Os testemunhos publicados em gazetas, de acordo com Galindo (2007) e Cunha (2006), dão conta de que a música programada para esse fim acalmava, distraía, fazia o caminho parecer menor e a viagem mais rápida.

No entanto não se sabe como essas músicas eram escolhidas para serem veiculadas nos coletivos. Inicialmente transmitiam-se vários estilos musicais. Cunha (2006) relata que o repertório era composto por músicas como *My Way*, *Folhas secas*, *Garota de Ipanema* e *Imagine* – canções de um repertório que abrangia o estilo da bossa nova e músicas internacionais bastante conhecidas. Tais canções apresentavam estrutura musical semelhante, o que pode indicar que se a pessoa gostasse de uma dessas canções iria gostar das outras. Percebe-se, assim, uma restrição de estilos e gêneros no repertório ofertado à população. No texto de Galindo (2007) ainda é citada a opção pela execução do RAP – vertente do gênero musical canção e que quer dizer ritmo e poesia; resulta da combinação entre linguagem verbal e musical (PINTO & BIAZZO, 2006).

No ano de 2007, a partir de outubro, a música erudita passou a ser executada nos ônibus homenageando a cada mês um compositor. Em outubro reproduziram Nicolo Paganini, em novembro Johann Sebastian Bach e em dezembro as homenagens foram feitas a Georg Friedrich Haendel que se repetiram nos meses seguintes (GALINDO, 2007).

Durante a realização desta pesquisa o repertório disponibilizado aos usuários era composto por música erudita e outros tipos de música, como a brasileira e a influenciada pelos elementos celtas do compositor Carlos Nuñez.

Em abril do ano de 2010, quando do início deste estudo, buscou-se informações junto ao órgão responsável pelo transporte público de Curitiba, a respeito das razões para se colocar música nos coletivos e os critérios para a escolha da programação. Uma das pessoas responsáveis pela manutenção do projeto informou que inicialmente as canções eram escolhidas aleatoriamente, mas começou a ser cobrado, pelo Escritório Central de Arrecadações e Distribuição (ECAD) – órgão que cuida dos trâmites dos direitos autorais decorrentes da execução pública de músicas nacionais e estrangeiras, uma taxa diária por veículo que executasse as músicas. A partir desta oneração as melodias passaram a ser retiradas do *site* www.dominiopublico.gov.br, iniciativa que foi tomada para evitar a cobrança de taxas sobre a divulgação das músicas. Também foi esclarecido, na ocasião, que o gênero musical selecionado se deu devido à verificação de um estudo japonês cuja conclusão indicava que este tipo de música, a erudita, proporciona aos ouvintes tranquilidade e conforto.

Segundo suas explicações os ônibus fabricados a partir de 2006 contavam com equipamento de “áudio digital microprocessado” projetado para uso específico em veículo do transporte coletivo, sem dispositivos que permitam a eleição de melodias. As canções eram veiculadas de forma automática, sequencial ou aleatória a partir de um cartão de memória substituível, com duração de até 90 horas e no padrão MP3. Os textos institucionais, que intercalam as músicas, eram acionados via coordenadas GPS (Global Positioning System).

A veiculação de músicas nos coletivos de Curitiba continuou até o segundo semestre do ano de 2013. Em nova consulta ao referido órgão responsável por esses veículos, a informação recebida foi de que, em 2013, a programação musical era composta apenas de músicas de concerto e de domínio público e, por isso, havia solicitações dos usuários tanto no sentido da alteração do repertório como no da suspensão da execução destas músicas. Os pedidos de músicas específicas não podiam ser atendidos dado o fato destas possuírem

direitos autorais. Estes fatos levaram a não mais se reproduzir as músicas nos ônibus de Curitiba, fato que parece ter gerado satisfação aos usuários cessaram as reclamações sobre a reprodução das músicas nos ônibus.

Cabe ressaltar então que, apesar de esta pesquisa ter sido realizada no ano de 2010, considera-se que o estudo apresenta dados e discussões relevantes. Inclusive por ter apontado, assertivamente, indícios que viriam a se constituir nos motivos para a paralização do projeto música nos ônibus, como se verá nas considerações finais.

A partir destas informações este trabalho aborda o tema da música ambiente veiculada nos ônibus de Curitiba e investiga se essas melodias exerciam influências sobre a rotina diária dos usuários de transporte coletivo da cidade de Curitiba. A temática da música ambiente é objetivo de estudos nos campos da psicoacústica, da estética e da acústica (SCHAFER, 2001; ROEDER, 1998). Na área da saúde, a enfermagem tem se dedicado a estudos variados sobre esse assunto (GONÇALEZ, NOGUEIRA, PUGGINA, 2008). A musicoterapia, campo de conhecimento e prática que se insere nas experiências de cuidado à saúde física, mental e emocional das pessoas, começa a despertar para a importância de perceber e analisar a ambientação musical dos espaços físicos. Nesse sentido, este trabalho, pretende oferecer aos profissionais que interagem com as pessoas por meio da música, dados que sensibilizem para a avaliação do ambiente sonoro e para a utilização de melodias a fim de construir planejamentos de ambientes acústicos.

No contexto deste trabalho, foram adotados os conceitos sugeridos por Blacking (1973), que define o som como qualquer frequência capaz de ser captada pelo sistema auditivo e que está inserido em concepções culturais. A música, também seguindo os critérios do mesmo autor, foi entendida como a organização de sons e silêncios que é reconhecida e aceita pela sociedade como o som culturalmente organizado.

O gênero musical chamado de *música ambiente* foi entendido como aquele que incorpora outros estilos – incluindo música erudita, jazz, bossa nova, música eletrônica e *new age* – para gerar uma atmosfera sutil e envolvente. Koellreuter (1977) define este gênero como *música aplicada*.

Partindo dos conceitos sugeridos por Koellreuter (1977) e Blacking (1973) aqui expostos, pode-se dizer que a música ambiente no contexto deste trabalho, significa o som culturalmente organizado e socialmente reconhecido como capaz de modificar o ambiente por gerar uma atmosfera sutil e envolvente e permitir que haja modificações nos aspectos social e civilizador.

A música ambiente se processa extensivamente no tronco do cérebro e por isso é percebida passivamente, de acordo com Brenner *et al.* (2006). Esses autores realizaram uma investigação que enfatizou os aspectos psicofisiológicos do processamento da música. As conclusões desses autores foram de que as músicas contínuas e pouco variadas podem ser fatigantes.

Para Steinberg (S/D), a música ambiente tende a estimular aspectos cognitivos como concentração, atenção e memória além de promover o relaxamento e a redução das tensões. A autora cita esse tipo de música como um dos métodos receptivos e não passivos, inferindo-se que quem escuta música não apenas recebe passivamente as sonoridades, mas interage com elas. A música previamente selecionada bem como comandos sonoros que visam direcionar a escuta para aspectos como timbre, intensidade e altura melódica são tratados por Steinberg como recurso da área de prática organizacional da musicoterapia.

Esta mesma autora diz que intervenções de musicoterapia nos ambientes de convívio ou nos espaços reservados para esses encontros e/ou grupos terapêuticas são ações políticas. São políticas de humanização e prevenção pertinentes desde que engajadas num conceito e num marketing com participação e implicação de todos os envolvidos (STEINBERG, 2007).

A partir do conceito de música e marketing, na chamada psicologia do consumidor, relaciona-se o uso da música ambiente como forma de criar um clima agradável para o consumo. Pesquisas verificaram que a música ambiente gera efeito sobre a motivação e comportamento de vendedoras, influencia a percepção e o comportamento dos consumidores e proporciona um melhor lugar de trabalho para os funcionários (ANDRADE; BARBOSA, 2009; SECO-FERREIRA; 2007).

A aplicação da música erudita como uma proposta de humanização de um serviço de emergência, foi analisada por Silva e Gatti (2007). No artigo constam as respostas de 49 profissionais entrevistados. Entre eles estavam médicos, enfermeiros, auxiliares administrativos, auxiliares de farmácia, auxiliares de limpeza e auxiliares e técnicos de enfermagem. Todos trabalhavam nos períodos da manhã e tarde no setor de emergência. As indagações da entrevista diziam respeito à profissão dos entrevistados, preferência musical e hábito de ouvir música, efeitos da música percebidos no ambiente de trabalho e se o profissional aprovava as intervenções musicais.

As músicas utilizadas neste ambiente hospitalar foram escolhidas entre o repertório do compositor erudito alemão Johann Sebastian Bach; compositor do período musical compreendido como barroco. A escolha se deu pelo caráter relaxante das peças pois, segundo as autoras

música relaxante deve ter sincronicidade rítmica, de modo geral, e a música barroca é significativamente eficaz, se comparada a outras formas musicais, na indução de “estados alfa”, ou seja, um estado de alerta relaxado acompanhado pela sensação de bem-estar no ouvinte. O barroco, no setor musical, manifesta-se através do estilo concertante sobre o qual se combinam todos os instrumentos; o estilo desenvolve o virtuosismo, elemento genuíno e indispensável das partituras musicais dos séculos XVII e XVIII. A música barroca também apresenta pelo som imponente, daí o grande desenvolvimento da técnica e da construção musical. Johann Sebastian Bach é perfeito exemplo da arte barroca na história da música; o desenvolvimento do estilo concertante, do virtuosismo, do colorido, da decoração ornamental e do som imponente são eloquentes testemunhos do espírito barroco da obra de Bach (SILVA & GATTI, 2007 p.4).

Sobre as respostas obtidas nas entrevistas, 38% das pessoas tinham preferência por MPB, 19% por jazz/blues e 18% por rock. A música erudita ficou em quarto lugar na ordem de preferências, com 13% das escolhas. Mas 76% das pessoas disseram que os efeitos produzidos no ambiente foram positivos – os efeitos citados foram harmonia, relaxamento, calma, tranquilidade, atenção, leveza, diminuição do *stress* e felicidade. Assim as pesquisadoras chegaram a conclusão de que o tipo de música de preferência individual não parece afetar os efeitos positivos que a música exerce sobre o ambiente (SILVA & GATTI, 2007).

Gonçalves, Nogueira e Puggina (2008), em pesquisa sobre música na assistência de enfermagem no Brasil, citaram que a maioria dos estudos realizados nesta área indicaram que a música utilizada no ambiente para cuidados de saúde é a erudita. Outro estudo foi concretizado por Silva *et al* (2008), a partir da referência de dois estudos estrangeiros que indicavam que a música com som de baixa amplitude, de ritmo simples e direto e com tempo de aproximadamente 60-70 batimentos era adequada para promover relaxamento. Na investigação, um grupo de três acadêmicos de enfermagem executou músicas populares. Os pesquisadores encontraram cinco categorias da influência desta música sobre os indivíduos: alteração positiva da percepção do tempo; bem-estar; entretenimento e mudança da rotina, recordações positivas e companhia.

Caminha *et al.* (2008), averiguou em estudo, a influência da valsa e da marcha sobre os estados subjetivos de pacientes adultos em hemodiálise. Foram escolhidos esses gêneros musicais por possuírem ritmos bastante característicos. A pesquisa revelou que, em média, 83% das pessoas perceberam o tempo passando mais rápido e que, em média, 74% das pessoas obtiveram uma sensação de bem-estar mais rápida do que quando o procedimento da diálise era feito sem a música. Além do mais, pode-se dizer que os estados subjetivos foram modulados de “chateação” e “preocupação” para “paz” e “calma”.

Dentre estes estudos oriundos do campo da enfermagem, dois se detiveram sobre a influência do repertório utilizado e questionaram se o repertório era “do gosto” ou não do pesquisado. Os dois estudos chegaram à conclusão de que a música influencia benéficamente, mas que o tipo de repertório não influi nos benefícios oferecidos pela música. Isso porque, mesmo com a utilização de repertório que não era de preferência dos entrevistados, os resultados foram significativamente positivos.

Observou-se, no decorrer desta revisão, que a abordagem de assuntos que se referem à música ambiente é explorada em diversas áreas de conhecimento e que a maioria dos estudos no contexto da enfermagem chamam essa forma de aplicação de sonoridades por “musicoterapia” ou “uso terapêutico da música” (CAMINHA ET AL, 2008; GONÇALVEZ, 2008; SILVA *et al.*, 2006). Porém, a pesquisa sobre a influência desse tipo de sonoridade ambiente quando envolve a música de preferência dos entrevistados foi pouco estudada. A

perspectiva de considerar a preferência musical do ouvinte interessa aos objetivos dessa investigação uma vez que aqui se pretende refletir sobre o a música ambiente veiculada nos ônibus e seus reflexos sobre o dia-a-dia dos usuários.

ESTRATÉGIAS METODOLÓGICAS

Esta pesquisa, de caráter qualitativo e exploratório foi fundamentada em um enquadre teórico que pretendeu trabalhar com os significados, motivos, aspirações e crenças das pessoas. A partir dessa premissa, esses fenômenos foram entendidos como parte da realidade social vivida e partilhada pelos participantes (MINAYO, 2009).

Foram ouvidas e analisadas as opiniões das pessoas que utilizavam os serviços do transporte público de Curitiba e que aceitaram participar do presente estudo. Procurou-se saber o que pensavam sobre as programações musicais que eram veiculadas dentro dos coletivos a partir de um questionário composto por seis questões relativas à influência dessa música sobre o cotidiano das pessoas. Foram entrevistadas 22 pessoas, na faixa etária entre 18 e 40 anos, cuja permanência dentro do ônibus tivesse um mínimo de 20 minutos.

O tempo de permanência no carro foi determinado pelos pesquisadores com base nos minutos que, em média, os coletivos levam para percorrer o trajeto bairro – estação central da cidade. Tomou-se por referência a distância média de 8 a 10 estações de parada do carro. O percurso foi considerado adequado para que as pessoas pudessem se acomodar no interior do carro e captar os sons do ambiente.

Esses critérios deram fundamento para o desenvolvimento de um projeto que foi submetido e aprovado por um comitê de ética. O mesmo comitê recomendou que se fizesse uma consulta à Urbanização de Curitiba S.A. (URBS), órgão responsável pelo transporte público da cidade, no sentido de solicitar a autorização para a efetivação da pesquisa. Após receber a anuência e as orientações desse órgão, quanto ao horário e local para a concretização das entrevistas, deu-se início à investigação.

Um teste piloto foi aplicado aos passageiros, no horário e no terminal recomendado pela URBS. Percebeu-se, por meio dessa testagem, que as questões precisavam de ajustes e que nos horários que foram sugeridos – de maior fluxo de usuários – os coletivos não veiculavam trilha sonora.

Frente estas constatações, o questionário foi reformulado e o horário de abordagem das pessoas foi remanejado para próximo aos *horários de pico*, de forma a acatar as indicações da URBS e atender aos objetivos do estudo.

As pessoas foram convidadas a participar do estudo enquanto circulavam no terminal. Assim que desciam do coletivo, o pesquisador as abordava com uma explicação da pesquisa e as convidava a responder às perguntas, caso estivessem enquadradas nos critérios de seleção.

Os questionários foram feitos no mês de maio de 2010. Um total de 37 pessoas foram convidadas a colaborar com o estudo. Quinze pessoas se recusaram a responder. As recusas foram justificadas pela pressa ou pela adoção de uma postura de ignorar a presença do pesquisador. Os 22 participantes responderam às questões no próprio terminal, enquanto se dirigiam para outro coletivo ou para fora dos limites estação.

Em posse de todos os questionários passou-se a categorização das respostas. As categorias foram compostas a partir dos temas contidos nas perguntas. Como resultado obteve-se seis classes de respostas dentro do seguinte contexto: 1- sons ouvidos no interior do ônibus; 2- música ouvida no interior do ônibus; 3- Influência desta música nos usuários e suas razões; 4- influência desta música no dia-a-dia dos usuários e suas razões; 5- gosto do usuário em relação a música veiculada; 6- tipos de música que gostaria de escutar no ônibus. As questões foram analisadas a partir da recorrência e coincidência das respostas (FREITAS, 1986). Os conjuntos das respostas semelhantes foram dispostos em quadros que passam a ser disponibilizados e comentados a seguir.

DISCUSSÃO DE DADOS

SONS OUVIDOS NO INTERIOR DO ÔNIBUS

O interior dos ônibus é um espaço coletivo e ocupado por uma população que às vezes se concentra em número quase limite à capacidade de ocupação dos carros. Por essa razão acontece ali a produção de sonoridades diversas que somam vozes de pessoas, gritos e choros de crianças, ruídos de motor e de aparelhos eletrônicos como celulares e MP3. Esse contexto e mais os sons provenientes do trânsito dos carros próximos ao ônibus foram aqui considerados por sons ouvidos no interior do coletivo. A esse respeito, os participantes da pesquisa responderam que, quando estavam dentro do coletivo, escutaram:

Quadro 1: Sons ouvidos no interior do ônibus

- | |
|--|
| 1. Música (16) |
| 2. Trânsito (11) |
| 3. Pessoas falando (11) |
| 4. Música de celular (5) |
| 5. Música Clássica (4) |
| 6. Som de <i>headhones</i> alheios (3) |
| 7. Carros (3) |
| 8. Criança chorando (3) |
| 9. Pessoas gritando (2) |
| 10. Mp3 player (1) |
| 11. Poluição sonora (1) |
| 12. Fofocas (1) |
| 13. Nenhuma música nem som (1) |
| 14. Pessoas dando risada (1). |

O número das respostas obtidas para esta pergunta excede o total de participantes pela razão de que, quando perguntados sobre quais sons escutaram no interior do ônibus, as pessoas deram mais do que uma resposta. Entre elas, as mais recorrentes foram: sons de risadas, gritos, vozes, ruídos e sons vindos de aparelhos eletrônicos utilizados por outros usuários. Vinte e uma pessoas responderam que ouviram música.

Algumas pessoas especificaram a música como “música clássica”. Outros sons foram comentados pelos passageiros: som do trânsito e de pessoas falando. Este último recebeu denominações de “fofoca” e “pessoas gritando”.

MÚSICA VEICULADA DENTRO DO ÔNIBUS

A música ouvida no interior dos coletivos, aqui engloba as melodias veiculadas pela central de som instalada no ônibus. Para essas sonoridades, os usuários atribuíram variadas denominações, entre elas:

Quadro 2: Música ouvida no interior do ônibus
1. Música Clássica (10)
2. Música Erudita (4)
3. Música em formato MIDI (3)
4. Música suave (2)
5. Música calma (2)
6. Não sabe o “nome da música” (2)
7. Música Orquestral (1)
8. Toquinho de piano (1)
9. Música celta (1)
10. Nenhuma música (1)
11. Em inglês (1).

As respostas obtidas para a questão sobre qual música foi veiculada dentro do ônibus, mostraram que os usuários haviam escutado o estilo chamado de música erudita ocidental. No entanto este estilo recebeu outros nomes, como “música clássica” e “música orquestral” como é possível observar no quadro acima.

INFLUÊNCIA DA MÚSICA AMBIENTE SOBRE OS USUÁRIOS

A partir do princípio de que os participantes permaneceram certo tempo do seu dia em contato com a música ambiente dos coletivos, passou-se a perguntar se essa trilha sonora exercia influências sobre eles. Suas respostas mostraram que:

Quadro 3: Influência da música veiculada nos coletivos sobre os usuários

Sim (16)	Razões	Não (6)	Razões
	1. Deixa tranquilo (4) 2. Irrita (4) 3. Relaxa (3) 4. Não dá atenção (2) 5. É bom (2) 6. Deixa com sono (1) 7. Substitui o MP3 player (1), 8. É uma ponte que leva a outros pensamentos (1) 9. Ajuda a descansar (1) 10. Porque gosta (1) 11. Acalma (1) 12. Vontade de desligar (1) 13. Ajuda passar o tempo (1).		1. Irrita (2) 2. Porque não gosta (2) 3. Não dá atenção (1) 4. Porque não tem a ver comigo (1) 5. Porque tem muito tumulto (1)

Quanto à influência da trilha sonora ambiente sobre os participantes, as pessoas que disseram que as melodias influenciavam seu cotidiano justificaram suas respostas dizendo que a música os deixava tranquilos, os relaxava ou os irritava. Entre os que disseram que a música não exercia influência, justificaram com a opinião de que ela irritava ou que não era do seu gosto pessoal.

É interessante notar que o fato dos entrevistados se sentirem irritados ou de não “prestarem atenção” nas músicas foram usados para justificar tanto a influência e a não influência da sonoridade ambiente sobre os participantes da pesquisa. No entanto, considera-se que mesmo quando a sonoridade ambiente resulta em desconforto, este também se constitui, ainda que de forma negativa, em uma influência da música sobre a pessoa.

INFLUÊNCIA DESTA MÚSICA NO DIA-A-DIA DOS USUÁRIOS

Uma das perguntas do questionário investigou a opinião dos passageiros quanto a influência da música ambiente na sua rotina de vida diária. Dezesesseis pessoas acharam que a música exercia influência apenas enquanto elas estavam dentro do ônibus. Outras doze pessoas consideraram que a música influenciava seu dia-a-dia.

Como na questão anterior as pessoas justificaram essa influência dizendo que a música os deixava tranquilos, relaxava. Os que expressaram a opinião de que não havia influência, disseram que dormiam durante o trajeto. As respostas podem ser observadas no quadro abaixo.

Quatro 4: Influência da música veiculada nos coletivos sobre o dia-a-dia dos usuários			
<i>Sim (12)</i>	Razões	<i>Não (10)</i>	Razões
	1. Tranquiliza (4) 2. Relaxa (3) 3. Ajuda a descansar (2) 4. É do gosto (2) 5. Ajuda a passar o tempo (1) 6. Ajuda na concentração (1) 7. Dá sono (1) 8. Deixa melhor (1) 9. Muda o foco da atenção (1) 10. Melhora a qualidade (1) 11. Porque diferencia do estilo que ouve normalmente (1)		1. Dorme (2) 2. Porque não presta atenção (2) 3. Não é todo dia que anda de ônibus (2) 4. Irrita (2) 5. Não gosta e prefere outros estilos (2) 6. “Se mistura” a outros sons e se transforma num ambiente caótico (1)

GOSTO DOS USUÁRIOS EM RELAÇÃO À MÚSICA VEICULADA NOS ÔNIBUS

Quando perguntados a respeito do tipo de música que gostariam de escutar nos ônibus, metade dos entrevistados respondeu que estavam satisfeitos com o estilo de música que era veiculado. A outra metade dos participantes foi da opinião de que não deveria haver música no interior dos ônibus.

Quadro 5: As músicas veiculadas são do gosto do usuário ou não		
<i>Sim 11</i>	<i>Não 10</i>	<i>Indiferente (1)</i>
<ol style="list-style-type: none"> 1. Deixa mais calma (4) 2. Muda o foco da atenção (1) 3. Porque tem o hábito de ouvir (1) 4. Melhora o caminho (1) 5. Ajuda a descansar (1) 	<ol style="list-style-type: none"> 1. Gosta de outros estilos (5) 2. Ajuda na poluição sonora (1) 3. “Porque não tem nada a ver comigo” (1) 4. Não presta atenção (1) 	<ol style="list-style-type: none"> 1. Escuta música no celular

A música ambiente que era veiculada nos coletivos, quando da realização desta pesquisa, coincidia com o gosto musical de onze entrevistados. A outra metade dos participantes respondeu que não gostava da música transmitida nos coletivos ou que esta lhes era indiferente pois escutava música no celular.

Esses dados foram corroborados pelas respostas obtidas na última questão feita aos participantes, conforme consta no Quadro 6.

TIPOS DE MÚSICA QUE OS USUÁRIOS GOSTARIAM DE OUVIR NO ÔNIBUS

Quadro 6: Tipos de música que os usuários gostariam de ouvir no ônibus
<ol style="list-style-type: none"> 1. Não acha que deveria ter música no ônibus (7) 2. Este tipo de música (6) 3. “Música mais animada, mas depende” (1) 4. Algo que a pessoa possa dormir (1) 5. Pop rock (1) 6. Qualquer música que ajude a descansar (1) 7. Rock (1) 8. sons de natureza (1) 9. MPB (1) 10. Chopin (1) 11. Bach (1)

Quanto ao tipo de música que os usuários gostariam de ouvir dentro dos coletivos, seis pessoas responderam que gostavam da música que escutam. Nove pessoas sugeriram outros autores ou estilos musicais para o som ambiente. A opinião de sete usuários foi de que os ônibus não deveriam veicular música.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Para estudar a influência da música que é veiculada no interior dos ônibus sobre os usuários do transporte público da cidade de Curitiba, foram adotados passos e critérios específicos. A primeira iniciativa tomada em direção a esta construção foi a de entrevistar um dos responsáveis pela escolha e veiculação da música ambiente dentro dos coletivos. Este informou que a escolha das músicas está limitada a não oneração pela sua execução e que estas são inseridas em todos os ônibus que possuem aparelhagem adequada. Sua execução independe do motorista. Ele apenas tem controle da intensidade sonora que será veiculada.

Após cumprir os trâmites burocráticos para a realização da pesquisa passou-se a entrevistar os passageiros dos veículos no momento em que saíam do coletivo, dentro de um terminal. Suas respostas em relação à sonoridade do interior dos ônibus contaram que havia três sons de intensidade mais fortes: a música, o trânsito e o som das pessoas falando. Os participantes disseram que o gênero veiculado era música erudita, clássica ou orquestral e que esta os influenciava deixando-os mais calmos, tranquilos e relaxados. No entanto, os dados indicaram uma contradição, pois as respostas mostraram que, ao mesmo tempo em que a música ambiente relaxava os usuários também os irritava. Esse contrassenso pode ser considerado sob a hipótese de que algumas das pessoas sentiam desconforto por ter que escutar, por todo o tempo do trajeto, músicas não eram de seu gosto pessoal e que se somavam à poluição sonora a qual eles estavam sujeitos.

Em relação a influência desta música sobre a rotina de suas vidas diárias os participantes relataram que ficavam mais calmos e relaxados ou irritados depois de saírem dos coletivos. Foi interessante notar que algumas pessoas disseram que as melodias as irritavam, porém não consideravam este evento como sendo uma influência da sonoridade

ambiente, sendo, talvez, um indício de gosto pessoal. Destacou-se, na análise das respostas, a evidência de que a música ambiente pode exercer mais influência sobre os passageiros enquanto estes estavam utilizando o ônibus do que no decorrer de seu dia-a-dia.

Uma das possíveis justificativas da influência ou não da ambientação sonora sobre os participantes foi o gosto musical dos mesmos. Metade dos participantes disse que a música era de seu gosto e a outra metade disse que não era. A maioria das pessoas que relataram não sofrer influência das melodias disseram que a música não era do seu gosto. Seis participantes responderam que nenhuma música deveria ser veiculada. Este dado coincide com a quantidade de participantes que considerou que a música não os influenciava no trajeto.

Sete participantes eram receptivos à música veiculada nos ônibus e nove indicaram outro estilo para ouvir no trajeto feito pelo coletivo. Estes dados corroboraram os achados das pesquisas citadas na revisão de literatura (GONÇALVEZ, 2008; SILVA & GATTI, 2007) quando estas indicaram que a música veiculada nos espaços físicos para a ambientação das pessoas não precisam estar relacionadas ao gosto das mesmas. Deve-se levar em consideração, no entanto, que a audição contínua de melodias que desagradam as pessoas pode levar a reações de desconforto (BRENNER et al., 2006).

Por fim, cabe uma consideração sobre o uso da música ambiente como prática da área de enfermagem. Práticas de saúde que utilizam a música não devem ser chamadas de musicoterapia. A musicoterapia deve ser exercida por um profissional qualificado, o musicoterapeuta (BARCELLOS E TAETS, 2010). Além disso, a prática da musicoterapia acontece com base em três atores que participam ativamente do processo: o participante, o musicoterapeuta e a música, situação que não ficou definida nos trabalhos aqui revisados.

Este trabalho estudou os motivos e critérios adotados para o uso da música nos ônibus de uma determinada linha, na cidade de Curitiba, e sua influência sobre na rotina diária dos passageiros. A investigação mostrou que a ambientação sonora, de uma forma geral, influencia na rotina dos usuários tanto de forma positiva quanto de forma negativa.

Ao desenvolver a pesquisa percebeu-se que a execução de melodias com fins de ambientação sonora pode ser um campo de estudo e atuação da musicoterapia. Entende-se que esta área científica que utiliza a música como recursos de sua prática pode oferecer mais perspectivas para o entendimento, a análise e a compreensão da ambientação musical dos espaços físicos.

REFERÊNCIAS

ANDRADE, F. A. BARBOSA.S. C. Influência da música ambiente sobre o comportamento de clientes e funcionárias de uma loja de varejo de moda feminina. **Revista de Psicologia IESB**, 2009, VOL. 1, NO. 1, 11-20

BARCELLOS L.M.R. TAETS G. Musicoterapia: um instrumento de cuidado da enfermagem? In: **Anais do XII Fórum Paranaense de Musicoterapia**. Curitiba: 2010

BLACKING, J. **How Musical is Men?** London: Faber & Faber, 1973.

BRENNER, T. FRIGATTI, E. OSELAME, M. SIMÕES, P. **Análise da utilização da música funcional em supermercados na cidade de Curitiba**. 2006. Disponível em: http://www.sgmt.com.br/anais/p02pesquisaresumoexpandidooral/RECO07-Brenner_et_al_Anais_XISBMT.pdf. Acesso em: 02/12/2009.

CAMINHA, LB. SILVA, M.J.P. LEÃO, ER. **A influência de ritmos musicais sobre a percepção dos estados subjetivos de pacientes adultos em hemodiálise**. 2009. Disponível em: <http://submission.scielo.br/index.php/reeusp/article/view/8418>. Acesso em: 02/12/2010.

CUNHA, D. **Ônibus musical “acalma” população**. 2006. Disponível em: <http://www.jornalcomunicacao.ufpr.br/redacao3/node/35>. Acesso em: 02/12/2009.

FREITAS, Maria de Fátima Quintal de. O psicólogo na comunidade. Estudo da atuação de profissionais engajados em trabalhos comunitários. Dissertação. 224 f. (Mestrado em Psicologia Social). Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, 1986.

GALINDO, R. **Música em ônibus pode render multa à prefeitura de Curitiba**. 2007. Disponível em: <http://www.gazetadopovo.com.br/vidaecidadania/conteudo.phtml?tl=1&id=706863&tit=Musica-em-onibus-pode-render-multa-a-prefeitura-de-Curitiba>. Acesso em: 02/12/2009.

GONÇALVEZ, D.; NOGUEIRA, A.; PUGGINA, A. **O uso da música na assistência de enfermagem no Brasil: uma revisão bibliográfica**. 2008. Disponível em: <http://ojs.c3sl.ufpr.br/ojs2/index.php/cogitare/article/viewFile/13121/8881>. Acesso em: 02/12/2009

KOELLREUTTER, Hans-Joachim. O ensino da música num mundo modificado. Em: **Anais do I Simpósio Internacional de Compositores**. São Bernardo do Campo. Brasil: 1977. In: <http://www.latinamerica-musica.net/ensenanza/koell-ensino-po.html>

PINTO, J. BIAZZO, C. **As relações entre rap, escola e inclusão social**. 2006. Disponível em: <http://www.uel.br/revistas/afroatitudeanas/volume-1-2006/Ilia%20Ambile.pdf>. Acesso em: 23/04/2010.

ROEDERER, Juan, G. **Introdução à física e psicofísica do som**. São Paulo: EDUSP, 1998.

SCHAFER, R. Murray. **A afinação do mundo**: uma exploração pioneira pela história passada e pelo atual estado de mais negligenciado aspecto do nosso ambiente: a paisagem sonora. Tradução de Marisa Trench Fonterrada. São Paulo: UNESP, 2001.

SECO-FERREIRA, D. C. **Efeitos de música ambiente sobre o comportamento do consumidor**: Análise comportamental do cenário de consumo. Tese de doutorado, 2007. Universidade de Brasília, Brasília-DF.

SILVA, S. FAVA, S. NASCIMENTO, M. FERREIRA C. MARQUES, N. ALVES S. **Efeito terapêutico da música em portador de insuficiência renal crônica em hemodiálise**. 2006 . Disponível em:

<http://www.bvsintegralidade.icict.fiocruz.br/lildbi/docsonline/get.php?id=159>. Acesso em: 02/12/2009

SILVA, M.; GATTI, M. **Música ambiente em serviço de emergência: percepção dos profissionais**. 2007. Disponível em:

http://www.scielo.br/pdf/rlae/v15n3/pt_v15n3a03.pdf. Acesso em: 02/12/2009

STEINBERG, Mirian. **Musicoterapia Empresarial**. Disponível em: <http://www.oapce.com.br/index.cfm?go=app.text&ID=13>. S/D. Acesso em: 11/03/2010

STEINBERG, Mirian. Musicoterapia Organizacional: O discurso, o método e os Níveis. In: **Anais do IX Fórum Paranaense de Musicoterapia**. Curitiba, PR: 2007.